

A Internet, aliada ao desenho arquitetônico de Brasília, privilegia o individualismo e contribui para ampliar o *apartheid* social na cidade

SEGREGAÇÃO URBANA E VIRTUAL

Newton Araújo Jr.
Da equipe do **Correio**

Há novas formas de relações sociais e de convívio entre as pessoas. Aparentemente, as relações virtuais intermediadas pela internet mais distanciam do que aproximam. Esse novo quadro do mundo contemporâneo exige repensar as teorias clássicas sobre as relações sociais. Pesquisadores tentam pôr ordem nesse emaranhado.

O que outros autores chamam de era digital, o sociólogo Manuel Castells chama de sociedade informacional. Segundo ele, um quarto da população mundial está integrada nessa sociedade. "Os três quartos restantes estão excluídos", completa a socióloga Barbara Freitag,

"HÁ MUDANÇAS NAS RELAÇÕES SOCIAIS. ESTÃO SE CONSTITUINDO NOVOS MODOS DE VIDA"

BRASILMAR FEREIRA NUNES
sociólogo

da UnB, em simpósio sobre as novas sociabilidades urbanas em sociedades de risco.

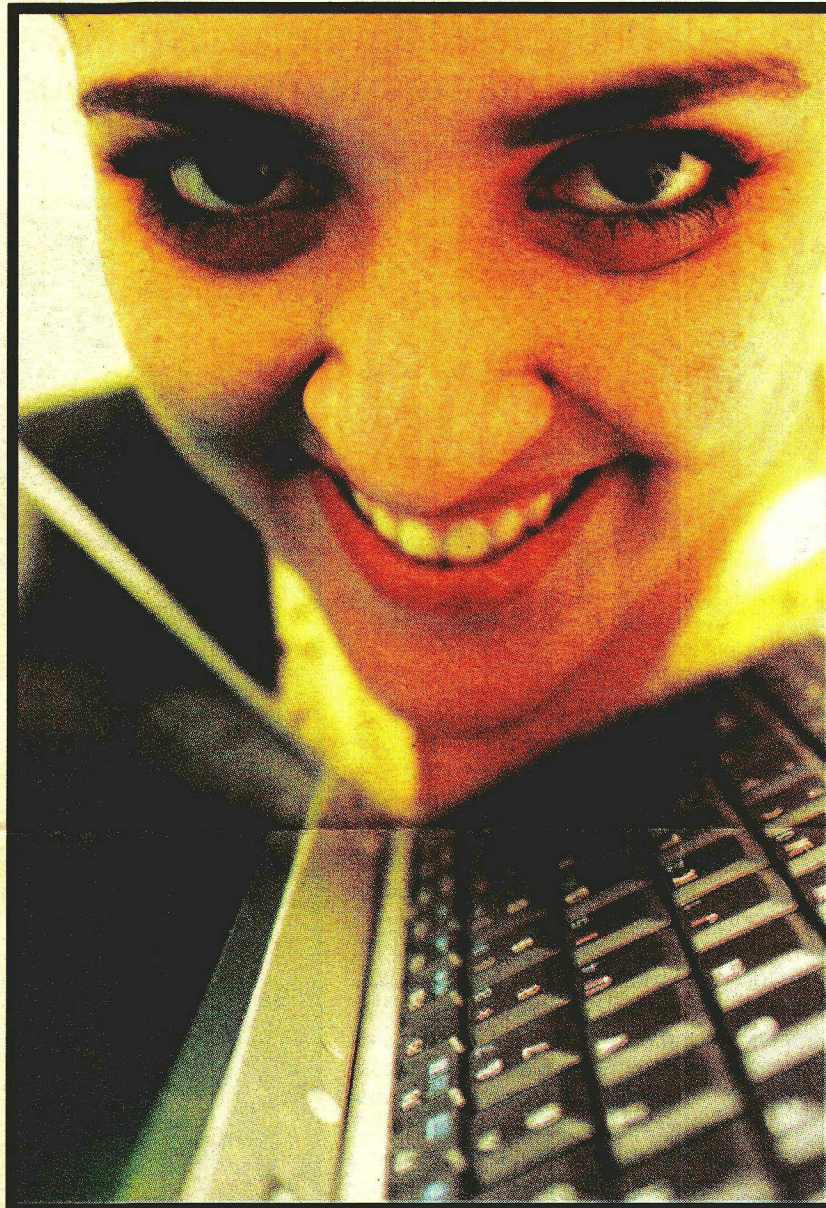
A intenção das palestras era discutir as novas formas de relacionamentos sociais e de convívio entre as pessoas. Essa nova sociedade está assentada em uma nova divisão de trabalho, no enfraquecimento do Estado e dos sindicatos e em mudanças mais que visíveis nos meios de comunicação.

Os privilegiados desse novo modelo social (os Estados Unidos, a Europa e alguns países asiáticos como o Japão) se beneficiam do aumento acelerado da riqueza. As relações sociais tornam-se virtuais. E as populações excluídas são vítimas cada vez mais da pauperização absoluta.

Brasília tem, proporcionalmente, mais gente plugada na internet do que nas outras cidades brasileiras. "Por meio do computador, as pessoas se relacionam sem se conhecerem, sem se tocarem", diz Barbara, constatando o óbvio. Nem todas, é verdade, como tenta sugerir uma estudante brasileira na plateia, que procura alternativas otimistas para a situação.

A atriz brasileira Dhenise Celso Neto, 21 anos, mostra que a internet pode servir ao encontro e não ao distanciamento entre as pessoas. "Quase todas as pessoas com quem conversei pela Internet acabo encontran-

Wanderlei Pozzembom



DHENISE CELSO TENTA DRIBLAR O ISOLAMENTO : "ENCONTROS MAIS QUE VIRTUAIS"

do pessoalmente e me tornando amiga", afirma Dhenise.

Ela navega na rede três ou quatro vezes por semana ou um pouquinho todo dia. Mas para não se dar mal nesses encontros, como teme a socióloga Barbara Freitag, Dhenise busca fóruns de discussão sobre cinema e teatro. "É só papo-cabeça, mais alto nível", diz. "Dá para confiar igual à vida real."

OUTRO ENFOQUE

O capitalismo é essencialmente urbano. Na atualidade, milhões de pessoas se espremem em grandes megapóles. No Brasil, mais de 100 milhões vivem nas cidades. Urbanização aparentemente irreversível que concentra as po-

pulações em grandes cidades.

O sociólogo Brasilmar Ferreira Nunes (UnB) busca explicar as novas sociabilidades urbanas em pesquisa que está realizando em Brasília. No momento, ele reestuda as teorias clássicas sobre classes sociais (marxistas, weberianas, etc). Sua conclusão: é preciso novas teorias para explicar esse novo mundo.

"Há mudanças nas relações sociais. Estão se constituindo novos modos de vida", diz Brasilmar. As inovações tecnológicas redefinem as relações, enfatizando as ações individuais e alterando a constituição das classes sociais. "Na atualidade, os indivíduos não estabelecem relações de profundidade com quem elas se deparam no

dia-a-dia", constata.

Mas na individualidade de suas casas, as pessoas se isolam na própria individualidade. Frente ao computador, estabelecem relações intensas e virtuais. Muitas vezes com pessoas que elas jamais conhecerão pessoalmente.

EXCLUSÃO SOCIAL

Brasília, proporcionalmente a cidade brasileira com maior número de internautas, conta ainda com um outro fator a separar as pessoas. "O desenho da cidade foi feito para segregar as pessoas. Trata-se de uma segregação programada", afirma o arquiteto Antônio Carlos Carpintero, professor da Faculdade de Arquitetura da UnB. Foi essa a conclusão a que chegou em sua tese de doutorado defendida na USP.

A transferência da capital foi facilitada devido à insegurança dos prédios governamentais na antiga capital, Rio de Janeiro. "O projeto de Lúcio Costa para Brasília criou uma verdadeira fortaleza para o centro administrativo

federal", observa Carpintero.

A parte residencial foi destacada da parte administrativa e uma verdadeira trincheira militar foi posta entre a Esplanada dos Ministérios e o restante da cidade (a passagem subterrânea da L2 Sul/Norte, que corta a Esplanada). E mais: um anel sanitário circunda todo o Plano Piloto.

"Dentro desse anel estão os empreendimentos imobiliários com vistas ao mercado. Fora, estão os empreendimentos sociais, para o restante da população", discorre Carpintero. "Esse desenho urbanístico reforça a exclusão social e é um corolário da função primeira da cidade, ser capital do país", critica. Triste Brasília.